

Kolobôk¹

Conto popular de autor desconhecido²

Tradução: Emanuel V. Castro³

Revisão de Tanira Castro

Era uma vez um velhinho e uma velhinha.

Certa vez o velhinho pediu à sua mulher:

— Minha velha, será que tu não moerias e não passarias pela peneira um pouco de farinha para fazer um Kolobôk?!...

A velhinha pegou o moedor e numa tigela moeu; numa peneira, peneirou dois montinhos de farinha de trigo. Misturou à farinha smetana⁴, amassou o Kolobôk, fritou-o na manteiga e na janela colocou-o para que esfriasse.

Kolobôk, longo tempo, ali ficou, ficou, mas de repente, saiu rolando – da janela para o balcão, do balcão para o piso, pelo piso correu até à porta, pulou pela soleira e foi para o saguão; do saguão até o terraço, do terraço até o pomar, do pomar até o portão e assim por diante...

Rolou, rolou Kolobôk pela estrada, quando de repente, veio ao seu encontro o Coelho:

— Kolobôk, Kolobôk! Eu vou te comer!

— Não me comas, Coelho! Espera, que eu te cantarei uma cançãozinha:

"Eu sou Kolobôk! Kolobôk!

Fui moído numa tigela!

Pela peneira – peneirado!

Fui misturado à smetana!

Na manteiga - frito!

Na janela - esfriado!

Do meu Avô! Eu fugi!

Da minha Avó! Eu fugi!

E de ti, Coelho! Há muito tempo - já fugi!"

E saiu rolando pelo caminho, de tal forma, que o Coelho só o viu passar!

Rolava Kolobôk pelo caminho, e ao seu encontro veio o Lobo:

— Kolobôk, Kolobôk! Eu vou te comer!

¹ Bolo frito, feito com farinha e creme de leite, similar ao nosso "bolinho de chuva".

² Tradução adaptada do original russo *Kolobók*, conto popular de autor desconhecido. Texto extraído do livro - *Contos Russos*, Moscou, Ed. Russkii Yazik, 1987, págs. 76-78. Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação do Curso de Extensão de Língua Russa, em dezembro de 1999.

³ Graduando de Educação Física - UFRGS, aluno do Curso de Extensão em Língua Russa, nível VI, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Creme de leite azedo.

— Não me comas, Lobo! Espera, que eu te cantarei uma cançãozinha:

"Eu sou Kolobôk! Kolobôk!

Fui moído numa tigela!

Pela peneira - peneirado!

Fui misturado à smetana!

Na manteiga - frito!

Na janela - esfriado!

Do meu Avô! Eu fugi!

Da minha Avó! Eu fugi!

Do Coelho! Eu fugi!

E de ti, Lobo! Há muito tempo - já fugi!"

E saiu rolando pelo caminho, de tal forma, que o Lobo só o viu passar!

Rolou, rolou Kolobôk pelo caminho, e ao seu encontro veio o Urso:

— Kolobôk, Kolobôk! Eu vou te comer!

— Não me comas, Urso! Espera, que eu te cantarei uma cançãozinha:

"Eu sou Kolobôk! Kolobôk!

Fui moído numa tigela!

Pela peneira - peneirado!

Fui misturado à smetana!

Na manteiga - frito!

Na janela - esfriado!

Do meu Avô! Eu fugi!

Da minha Avó! Eu fugi!

Do Coelho! Eu fugi!

Do Lobo! Eu fugi!

E de ti, Urso! Há muito tempo - já fugi!"

E de novo saiu rolando pelo caminho, de tal forma que o Urso só o viu passar!

E assim rolava, rolava Kolobôk, mas de repente veio ao seu encontro a Raposa:

— Kolobôk! Kolobôk, para onde rolas?

— Rolo pela estrada!

— Kolobôk! Kolobôk! Cante-me uma cançãozinha!

Kolobôk cantou:

"Eu sou Kolobôk! Kolobôk!

Fui moído numa tigela!

Pela peneira - peneirado!

Fui misturado à smetana!

Na manteiga - frito!

Na janela - esfriado!

Do meu Avô! Eu fugi!

Da minha Avó! Eu fugi!

Do Coelho! Eu fugi!

Do Lobo! Eu fugi!

Do Urso! Eu fugi!

E de ti, Raposa! Não será difícil fugir!"

Mas a Raposa lhe diz:

— Ah! Que cançãozinha bonita! Mas eu já estou velha — ouço mal! Kolobòk! Kolobòk! Senta aqui no meu narizinho, por favor, e canta outra vez, porém mais alto...

Kolobòk pulou para o nariz da Raposa e cantou, a mesma canção, mais alto:

"Eu sou Kolobòk! Kolobòk!

Fui moído numa tigela!

Pela peneira - peneirado!

Fui misturado à smetana!

Na manteiga - frito!

Na janela - esfriado!

Do meu Avô! Eu fugi!

Da minha Avó! Eu fugi!

Do Coelho! Eu fugi!

Do Lobo! Eu fugi!

Do Urso! Eu fugi!

E de ti, Raposa! Não será difícil fugir!"

E a Raposa, de novo, lhe diz:

— Kolobòk! Kolobòk! Senta, por favor, aqui na minha linguinha e canta pela última vez.

Mas Kolobòk, muito ingênuo, saltou na língua da Raposa!

E a Raposa – Glup! – engoliu o Kolobòk!

Hei, tu!

Autor - Machonskovo Lessa

Tradução de José Guilherme Galarraga²

Revisão de Tanira Castro

Nenhuma das feras queria passar perto da gaiola onde vivia o Papagaio Hei-tu. Pelo contrário, nem sequer o chamavam, porque a expressão preferida do papagaio era "Hei, tu".

Ele vê o Hipopótamo e grita:

— Hei, tu! Hipopótamo! Teu retrato está na revista de moda!

Vê o Crocodilo e tira um sarro:

— Hei, tu! Crocodilo! Como tu caíste na poça?

Vê o Rinoceronte e não o deixa em paz:

— Hei, tu! Rinoceronte! Não vás te enganchar na porta!

Quem iria querer passar por aquele papagaio chato? Mas, apesar de tudo, passavam, pois a casa do Papagaio Hei-tu localizava-se bem no centro da rua, na frente da grande Loja Central.

Mais do que todos, descontente com estas provocações estava a diretora da grande Loja Central, a Girafa Magricela, porque os clientes quase não visitavam sua Loja, pois não queriam ser vítimas do escárnio do papagaio.

Então, a Girafa Magricela bolou um plano astuto: ela deu de presente ao Papagaio Hei-tu um espelho novo bem grande pelo seu aniversário.

Hei-tu viu sua imagem no espelho e concluiu que aquele papagaio que olhava para ele era outro e não ele próprio.

Desde aquele dia, o papagaio, o tempo todo, ficava ao lado do espelho, molestando a si mesmo:

— Hei, tu! Papagaio! Fique em casa, não passeie!

¹ Tradução adaptada do original russo *Éi, tá! (Hei, Tu!)* - conto de Machonskovo Lessa, extraído de um site da Internet: Skazki Machonskovo Lessa - *Sobysbka na pamjat (Contos de Machonskovo Lessa - Salzburgo no horizonte)*. Trabalho individual apresentado para avaliação da Disciplina LE7102014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Académico em Biblioteconomia - UFRGS.